

# CARTAS PORTUGUESAS DE MARIANA ALCOFORADO

TRADUÇÃO DO ORIGINAL FRANCÊS,  
ESTUDO HISTÓRICO E NOTAS POR  
JOSÉ ANTÓNIO FALCÃO



# ÍNDICE

NOTA PRÉVIA . . . . .	13
CANTO AO AMOR TRAÍDO (UMA HISTÓRIA LUSO-FRANCESA) . . . . .	
23	
1. Do Tratado da Ilha dos Faisões ao Fim da Guerra da Aclamação . . . . .	25
2. Um Acontecimento Editorial. . . . .	28
3. O Cavaleiro de Chamilly. . . . .	36
4. Quem Escreveu as <i>Lettres Portugaises</i> ? . . . .	43
5. Beja e a Família de Mariana Alcoforado . .	50
6. Na Porosidade da Clausura . . . . .	59
7. Encontros, Desencontros . . . . .	68
8. A Paixão Desigual. . . . .	74
9. Penitência, Resgate e Morte . . . . .	87
10. Fraude ou Invenção/Reinvenção Literária?	94
11. <i>Ars Amandi</i> . . . . .	113
12. Com a «Alma em Fogo» . . . . .	123
13. Lendo nas Entrelinhas . . . . .	138
14. O Triunfo do Mito . . . . .	144

EPÍLOGO . . . . .	161
CARTAS PORTUGUESAS . . . . .	173
Ao Leitor . . . . .	175
Primeira Carta . . . . .	177
Segunda Carta . . . . .	183
Terceira Carta . . . . .	189
Quarta Carta . . . . .	195
Quinta Carta . . . . .	209
LETTRES PORTUGAISES . . . . .	221
Au Lecteur . . . . .	223
Première Lettre . . . . .	225
Seconde Lettre . . . . .	231
Troisième Lettre . . . . .	237
Quatrième Lettre . . . . .	243
Cinquième Lettre . . . . .	253
FONTES E BIBLIOGRAFIA . . . . .	263

## SEGUNDA CARTA

Parece-me que faço a maior afronta do mundo aos sentimentos do meu coração quando tento dar-tos a conhecer, por escrito. Como seria feliz se os pudesse julgar pela violência dos teus! Mas não posso fiar-me de ti, nem posso deixar de te dizer, embora com menos força do que o sinto, que não devias maltratar-me assim, com um esquecimento que me leva ao desespero e se torna até uma vergonha para ti. Afigura-se muito justo, pelo menos, que padeças as queixas das desgraças que eu tanto previra, quando te vi determinado a abandonar-me. Reconheço bem que me enganei ao pensar que agirias mais lealmente do que é costume, porque o excesso do meu amor parecia colocar-me acima de todas as suspeitas e merecer mais fidelidade do que aquela que é habitual encontrar-se. Mas a tua inclinação para me atraiçoar venceu, afinal, a justiça que deves a tudo o que fiz por ti. Não deixaria de ser infeliz se soubesse que me amas apenas porque eu te amo, pois quisera tudo dever unicamente à tua paixão; mas sinto-me tão longe de tal estado que há mais de seis meses não recebo uma carta tua que seja!

Atribuo toda esta infelicidade à cegueira com que me abandonei à ideia de me afeiçoar a ti: não devia eu ter previsto que as minhas alegrias terminariam antes do meu amor? Como poderia esperar que permanesses para sempre em Portugal e renunciasses à tua carreira e ao teu país, para não pensares senão em mim?

Os meus padecimentos não podem esperar nenhum alívio, e recordar as minhas alegrias enche-me de desespero. Que coisa! Todos os meus desejos serão, pois, em vão, e nunca mais voltarei a ver-te no meu quarto<sup>(400)</sup> com todo o ardor e todo o arrebatamento que me mostravas? Ai, que ilusão a minha! Por demais sei que todas as emoções que me enchiam a cabeça e o coração eram suscitadas em ti apenas por alguns prazeres e acabavam tão depressa como eles. Teria sido forçoso que, nesses momentos de plenitude, apelasse à minha razão para moderar o fatal excesso da minha felicidade e ter em conta tudo o que padeço agora. Mas eu entregava-me toda a ti e não estava em condições de pensar no que poderia envenenar a minha alegria e impedir-me de fruir completamente os testemunhos ardentes da tua paixão. Era demasiado feliz ao teu lado para pensar que um dia estarias longe de mim.

---

(400) As religiosas, nomeadamente as de maiores posses, viviam no convento, como dissemos, em apartamentos privados, a que se dava o nome de «quartos», «casas» ou «moradias». Francisco da Costa Alcoforado, pai de D. Mariana e de D. Peregrina, mandou construir, antes de 1665, uma destas instalações para as filhas.

Contudo, lembro-me de te dizer, algumas vezes, que farias de mim uma desgraçada; mas estes receios logo se dissipavam, e eu tinha gosto em oferecer-tos em sacrifício e em me abandonar ao encanto e à falsidade das tuas promessas. Bem vejo qual é o remédio para todos os meus males, e em breve estaria livre deles se deixasse de te amar. Mas, ai! Que remédio esse! Não, prefiro sofrer a esquecer-te. Infeliz! Depende isso de mim? Não posso culpar-me por ter desejado, nem que fosse um só momento, não mais te amar. És mais digno de pena do que eu, pois mais vale sofrer tudo o que eu sofro do que gozar dos prazeres fáceis que te dão as tuas amantes de França.

Não invejo a tua indiferença: fazes-me pena. Desafio-te a que me esqueças totalmente. Posso gabar-me de ter conseguido que, sem mim, não possas senão ter prazeres imperfeitos; e sou mais feliz do que tu, porque me sinto mais preenchida. Nomearam-me há pouco tempo porteira deste convento<sup>(401)</sup>. Todos aqueles que falam comigo acham que estou doida, e eu nem sei o que lhes diga; as freiras devem ser tão insensatas como eu, para me terem julgado capaz de fazer seja o que for.

---

<sup>(401)</sup> Madre D. Mariana Alcoforado exerceu ao longo da vida diversos cargos no convento. O de porteira, escolhida expressamente pela abadessa, era, já o indicámos, de especial responsabilidade, pois competia-lhe gerir as relações entre a comunidade e o exterior.

Ah, como invejo a dita do Manuel e do Francisco!<sup>(402)</sup> Porque não estou eu, como eles, sempre ao pé de ti? Tivesse ido contigo e servir-te-ia decerto com melhor vontade. Nada mais ambiciono neste mundo do que ver-te.

Lembras-te, ao menos, de mim? Contentar-me-ia com a tua lembrança, mas nem sequer disso me atrevo a ter a certeza. Quando te via todos os dias, não limitava as minhas esperanças a que te recordasses de mim, mas tu ensinaste-me a sujeitar-me a tudo o que queres. Porém, não me arrependo nada de te haver adorado e sinto-me muito feliz por me teres seduzido. A tua ausência cruel, e talvez para sempre, não diminui em nada o arrebatamento do meu amor. Quero que toda a gente saiba, não faço segredo dele e alegro-me por ter feito tudo o que fiz por ti, contra tudo o que parecia conveniente. Desde que comecei a amar-te, a minha honra e a minha religião consistem em amar-te perdidamente toda a minha vida.

Não te digo isto para te obrigar a escrever-me. Ah! Não faças nada coagido! De ti, só quero o que vier do teu coração e recuso todas as provas de amor que me

---

<sup>(402)</sup> «Dois pequenos lacaios portugueses», segundo uma nota da edição original, que os denomina «Emmanuel» e «Francisque» (cf. ANTÓNIO BÉLARD DA FONSECA, *op. cit.*, pp. 104-105), levados por Noël Bouton para o servirem (MANUEL RIBEIRO, *op. cit.*, p. 324, nota 1).

deres contrariado. Desculpar-te-ei de bom grado se não quiseses ter o trabalho de me escrever. Sinto uma profunda disposição para te perdoar todas as tuas faltas.

Um oficial francês<sup>(403)</sup> teve a caridade de me falar de ti, esta manhã, durante mais de três horas. Disse-me que tinha sido feita a paz em França<sup>(404)</sup>. Se assim é, não poderias vir ver-me e levar-me contigo para França? Mas não o mereço. Faz como achares melhor, o meu amor já não depende da maneira como me tratares.

Desde que partiste nunca mais estive bem um momento que fosse, e não tenho outro prazer senão

---

(403) O corpo expedicionário francês a que Noël Bouton pertencia estava parcialmente acantonado em Beja e integrava vários oficiais daquela nacionalidade (MANUEL RIBEIRO, *op. cit.*, pp. 135-138; ANTÓNIO BÉLARD DA FONSECA, *op. cit.*, p. 105).

(404) O Tratado de Aix-la-Chapelle, assinado a 2 de Maio de 1668, entre o marquês de Croissy, Charles Colbert, representante de Luís XIV, rei de França e Navarra, e o barão de Bergheik, delegado do marquês de Castelo Rodrigo, Francisco de Moura Côrte-Real, representante de Carlos II, rei das Espanhas, pôs termo à Guerra da Devolução, iniciada cerca de um ano antes, que opunha as duas potências (J[EAN] DUMONT, *Corps Universel Diplomatique du Droit des Gens*, VII, 1, Amesterdão-Haia, Chez P. Brunel, R. et J. Wetstein, et G. Smith, Henri Waesberge, et Z. Chatelain-Chez P. Husson et Charles Levier, 1731, pp. 89-90; cf. ANTÓNIO BELARD DA FONSECA, *op. cit.*, p. 115). Isto significa que a presente carta deve ter sido escrita, o mais cedo, em Junho do mesmo ano (*Lettres Portugaises, Suivies de Guilleragues par Lui-Même, cit.*, p. 215).

o de invocar o teu nome mil vezes cada dia. Algumas freiras, vendo o estado lamentável em que me deixaste, falam-me muitas vezes de ti. Saio o menos que posso do meu quarto, onde vieste tantas vezes, e passo o tempo a contemplar o teu retrato, que me é mil vezes mais caro do que a minha vida. Ele dá-me algum prazer, mas também me causa bastante sofrimento, quando penso que talvez nunca mais volte a ver-te. E porque nunca mais posso voltar a ver-te? Deixaste-me para sempre?

Estou desesperada. A tua pobre Mariana já não pode mais, desfalece ao terminar esta carta. Adeus, adeus, tem piedade de mim!